

DIÁLOGOS CULTURAIS NO CANTUQUIRIGUAÇU: UM ESTUDO DE CASO NO DISTRITO IBIRACEMA, CATANDUVAS/PR

Anderson Arilson de Freitas¹

Resumo: Este trabalho propõe diálogos visando a compreensão da formação heterogênea do distrito Ibiracema, Catanduvas/PR. A partir do desenvolvimento de pesquisas de extensão universitária em alguns municípios do Território do Cantuquiriguaçu, centro-oeste do Paraná – Brasil, notou-se nas falas dos moradores, na cultura material e nos costumes, elementos que pululam como referenciais culturais de vertentes distintas. Destacam-se os caboclos do Paraná, os migrantes do nordeste do Brasil e os fluxos populacionais do Sul do país. Cabe apresentar problematizações suscitadas nos relatos desses encontros com o propósito de despertar o olhar do pesquisador e melhor embasar os elementos representativos nessa construção.

Palavras-chave: História; Memória; Cultura; Migrações; Ibiracema; Cantuquiriguaçu/PR.

CULTURAL DIALOGUE IN CANTUQUIRIGUAÇU: A CASE STUDY IN DISTRICT IBIRACEMA, CATANDUVAS/PR

Abstract: This paper proposes dialogue aimed at understanding the heterogeneous formation of Ibiracema district Catanduvas / PR. From the development of university extension surveys in some municipalities of Cantuquiriguaçu Territory, central-western Parana - Brazil, it was noted in the reports of the residents in the material culture and customs, elements swarming as cultural references from different aspects. Noteworthy are the caboclos of Paraná, migrants from northeastern Brazil and population flows south. It is present problematizations raised in the reports of these meetings in order to awaken the researcher's perspective and better to base the representative elements in this construction.

Keywords: History; Memory; Culture; Migration; Ibiracema; Cantuquiriguaçu/PR.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados/MS; Pós-graduado em Gestão e Ações Culturais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. Atualmente desenvolve atividades como historiador na Fundação de Cultura e Turismo de Umuarama/PR. E-mail: somfreitashistoria@gmail.com.

ARTIGOS

Durante a realização de pesquisas no interior do estado do Paraná, Brasil, questões envolvendo a cultura regional surgiram de forma corrente na fala de moradores locais. Esse trabalho consiste em problematizar algumas discussões culturais no âmbito da História, da Antropologia, da Sociologia a partir do levantamento de fontes durante o trabalho de campo, no distrito Ibiracema – pertencente ao município de Catanduvas/PR.

Entre os anos de 2007 e 2010, dentro do Programa de Extensão Universitária *Universidade Sem Fronteiras*, foram desenvolvidos dois projetos de extensão e pesquisa em alguns municípios e distritos pertencentes à microrregião denominada Território do Cantuquiriguaçu – centro-oeste do estado do Paraná.

O estudo de caso que se apresenta aqui teve como estímulo alguns desencontros que não foram possíveis de serem planejados na elaboração do projeto. O trabalho de campo acabou por caracterizar-se como distinto em relação às demais localidades.

A situação particular que ressalta essa afirmação é o caso vivido em Ibiracema. Após apresentações do projeto, a questão feita pelo professor e então diretor Ivanir Pedro Comelli, da Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Vieira Andrade - Ensino Fundamental, era se a pesquisa realmente seria aplicada naquela comunidade. A questão estava nas condições das estradas de difícil acesso e a distância dos centros urbanos que acarretaram em desistências de diversos outros projetos pelos mesmos empecilhos.

No trabalho de campo em Ibiracema, foi realizada uma visita (31 de março de 2009) e um intensivo de dois dias (24 e 25 de abril de 2009), com a equipe pernoitando no município de Boa Vista da Aparecida, e o retorno para a concretização do trabalho na apresentação de oficinas para os alunos. As entrevistas em Ibiracema totalizaram dezessete áudios.

Com as entrevistas e o levantamento documental sobre Ibiracema, notou-se que o distrito passou por processos peculiares na sua constituição e

composição populacional. No passado, o lugar foi povoado por diferentes correntes migratórias de pessoas vindas do nordeste do Brasil, do sul do país e migrantes de dentro do Paraná. Tais migrações, com propósitos distintos de trabalho e moradia, foram motivadas por várias formas de gestão estratégica do Estado para povoar a região de fronteira.

Este trabalho visa apresentar, por meio dos relatos de memórias das pessoas entrevistadas, os diferentes fluxos culturais, contextualizando a formação do distrito Ibiracema a partir dos processos distintos de migração e suas motivações, associadas aos discursos das gestões governamentais, entendidas aqui como “*propagandas migratórias*”.

Migrações na constituição do Distrito Ibiracema, Catanduvas/PR

Ibiracema é um distrito pertencente ao município de Catanduvas localizado na região centro-oeste do estado do Paraná/Brasil, a uma distância de aproximadamente 30 quilômetros da cidade de Catanduvas – que por sua vez encontra-se à 468,67 quilômetros da capital Curitiba.

Catanduvas e seus distritos estão localizados na microrregião compreendida como Território do *Cantuquiriguaçu*. A definição nominal deu-se a partir da delimitação hidrográfica da região pelos rios *Cantu* (ao oeste), *Piquiri* (ao norte) e *Iguaçu* (ao sul). Abaixo uma descrição da microrregião, coletada da página eletrônica do Sistema de Informação Territorial:

O Território da Cidadania Cantuquiriguaçu - PR abrange uma área de 13.986,40 Km² e é composto por 20 municípios: Pinhão, Campo Bonito, Cândói, Cantagalo, Catanduvas, Diamante do Sul, Espigão Alto do Iguaçu, Foz do Jordão, Goioxim, Guaraniaçu, Ibema, Laranjeiras do Sul, Marquinho, Nova Laranjeiras, Porto Barreiro, Quedas do Iguaçu, Reserva do Iguaçu, Rio Bonito do Iguaçu, Virmond e Três Barras do Paraná. A população total do território é de 233.643 habitantes, dos quais 111.073 vivem na área rural, o que corresponde a 47,54%

ARTIGOS

do total. Possui 21.184 agricultores familiares, 4.264 famílias assentadas, 3 comunidades quilombolas e 2 terras indígenas. Seu IDH médio é 0,72.²

O Território do Cantuquiriguaçu foi formulado em 1984, declarado Utilidade Pública em 1995, com foro no município de Laranjeiras do Sul. A entidade tem como objetivo integrar os municípios participantes no que compete aos quesitos administração, economia, e sociedade. Essa filiação surgiu com base nos processos históricos vivenciados pelos constantes desmembramentos no município de Guarapuava/PR – ao qual pertenciam, antes das emancipações políticas, os territórios que atualmente comportam os municípios participantes.

Conhecer o Cantuquiriguaçu constitui-se como significativo através da compreensão da teoria de Pierre Bourdieu, em sua obra *O Poder Simbólico*, quando problematiza o conceito e a ideia de região:

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas de classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo.³

Bourdieu nos apresenta que a afirmação da identidade, preservada nos símbolos da comunidade regional, acarretam na criação e impressão de stigmas pelos grupos que auto-atribuem como centrais em detrimento dos grupos, classificados por eles, como periféricos. Essa disputa de poder,

² Fonte: Sistema de Informações Territoriais (<http://sit.mda.gov.br>). Acesso no dia 7/01/2011.

³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1982. p.113.

pautada de forma simbólica, interfere diretamente no comportamento social, estabelecendo assim a definição de um superior e um inferior. Os grupos estigmatizados, por outro lado, reconhecendo o estigma, tendem a apropriar-se das rotulações depreciativas como um dos elementos para o fortalecimento do grupo, criando e reafirmando assim os seus valores na constituição das suas fronteiras regionais, a *finis da regio*. A esse respeito:

A *regio* e as suas fronteiras (*finis*) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz *finis*), em impor a definição (outro sentido de *finis*) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e dos territórios, em suma, o princípio de di-visão legítima do mundo social. Esse acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia.⁴

Partindo da citação acima nota-se que a criação da Região do Cantuquiriguaçu se estabelece como uma forma dos municípios se posicionarem frente às disputas de poder. Primeiramente, reconhecendo os seus participantes como periféricos e marginalizados, em relação às demais unidades do estado. E em seguida, diante das suas carências estruturais, mobilizam-se numa intervenção social e administrativa reivindicando para si em caráter de microrregião, na aglutinação dos seus pares, valores que refletem diretamente na economia local.

No mapa a seguir podemos visualizar a região, primeiramente, o estado do Paraná inserido no país Brasil e, em seguida, a localização territorial da microrregião do Cantuquiriguaçu dentro do estado do Paraná, bem como os destaques para a região onde os projetos extensionistas foram executados e o município de Catanduvas.

⁴ Idem. p. 114.



IMAGEM 1 – Localização da Microrregião de Cantuquiriguaçu

Destaque para a região dos municípios de Três Barras do Paraná, *Catanduvas*, Campo Bonito, Ibema, Guaraniaçu e Diamante do Sul, onde as pesquisas foram desenvolvidas – Org. do autor.

Fonte: <http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/cantuquiriguacu.pdf >
Acesso em Julho de 2012.

Catanduvas, por sua vez, conta com população total de 10.202⁵ habitantes distribuídas em 4.035 domicílios, sendo 2.071 na área urbana e 1.964 na área rural – segundo o CENSO, realizado em 2010. Dados da Evolução Populacional

⁵ Características da população – Amostra. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE Censo Demográfico 2010 <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>
Acesso no dia 14/08/2012.

Diálogos culturais no Cantuquiriguaçu: um estudo de caso no distrito Ibiracema, Catanduvas/PR

| Anderson Arilson de Freitas

do município de Catanduvas e os níveis de Paraná e Brasil, construído a partir dos índices demográficos realizado pelo CENSO contabilizam: 1991 – 9.821 habitantes, 1996 – 10.179 habitantes, 2000 – 10.421 habitantes e, 2007 – 9.578 habitantes. Abaixo, dados e gráficos da Evolução Populacional do município de Catanduvas e os níveis de Paraná e Brasil, construído a partir dos índices demográficos realizado pelo CENSO nos anos de 1991, 1996, 2000 e 2007:

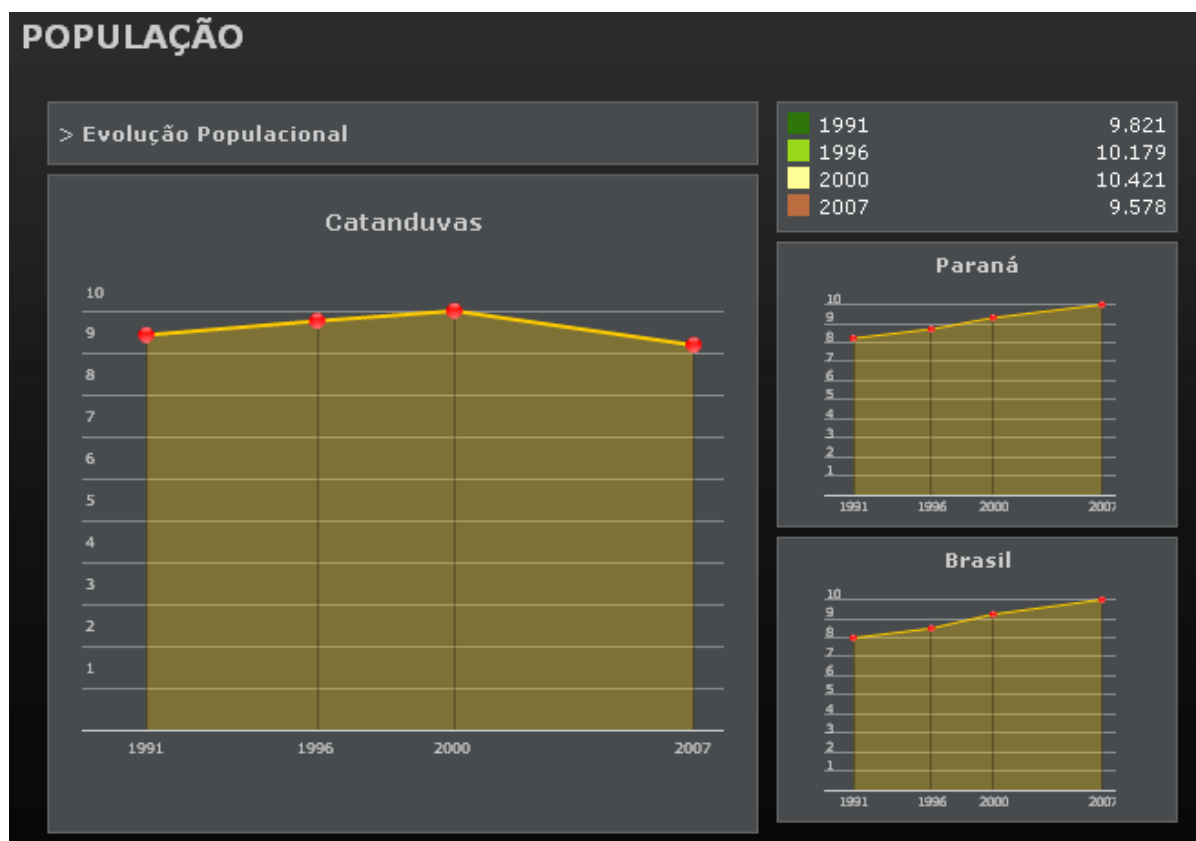


IMAGEM 2 – Censo Demográfico 2010: Características da população- Amostra

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>

Acesso no dia 14 de agosto de 2012.

Apesar dos níveis demográficos apresentarem dados com pouca variação a partir da década de 1990, para compreender como se deram os

ARTIGOS

constantes deslocamentos nas décadas anteriores, faz-se necessário levar em consideração outras fontes.

Dentre algumas referências documentais sobre o distrito Ibiracema, foi encontrado um breve histórico, realizado a partir da descrição sobre a atual Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Vieira Andrade – Ensino Fundamental, que trata dos deslocamentos para a região a partir da década de 1960.

Com o início da colonização das terras da Indústria MADEPINHO CIA LTDA, com sede a 30 km do Município de Catanduvas, por volta do ano de 1960, com a chegada das famílias, constituiu-se primeiramente uma Igreja, e nesta Igreja além do culto religioso iniciou-se em 1976 a alfabetização com a professora Neuza Cirilo de Almeida, sendo inicialmente uma sala multisseriada. Com a chegada de mais famílias no ano de 1978, por reivindicação da comunidade iniciou-se o Ensino de 5^a a 8^a série, sendo extensão da Escola Estadual Dom Manoel da Silveira Délboux de Catanduvas sob a direção da Professora Romilda. No terreno doado pelo senhor Orestes Formighieri, deu-se início a construção do prédio de alvenaria pelo Governo do Paraná Exmo. Sr. Jayme Canet Júnior.⁶

A citação chama a atenção para a realização dos projetos de colonização das terras da região realizados pela Indústria MADEPINHO CIA LTDA, motivando as migrações da década de 1960. O envolvimento de pessoas de poder aquisitivo elevado com as companhias colonizadoras no desenvolvimento local também está expresso na doação do terreno para a construção da escola por Oreste Formighieri.

A partir da segunda metade do século XX, o distrito e suas imediações passaram a comportar famílias de lugares distintos e com diferentes propósitos de trabalho e moradia. As migrações foram motivadas por diferentes anúncios. Alguns deles entende-se como “propagandas migratórias”, no intuito das políticas de gestão do estado para povoar região de fronteira e preencher os

⁶Fonte:

<http://www.cdvmariaandrade.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/6/500/354/arquivos/File/ibiracema.pdf>. Acesso no dia 30 de junho de 2012.

Diálogos culturais no Cantuquiriguaçu: um estudo de caso no distrito Ibiracema, Catanduvas/PR

| Anderson Arilson de Freitas

chamados “(...) vazios demográficos, ou seja, da transformação da terra em lotes coloniais e em mercadoria”.⁷

Nas décadas de 1960 e 1970, para as regiões oeste e sudoeste do estado do Paraná, o objetivo da política estadual e nacional estava pautada na estruturação da “Marcha para o Oeste” e a criação do Território Federal do Iguaçu. Segundo Valdir Gregory:

Vargas, em relação às fronteiras com a Argentina e com o Paraguai, não é demais reiterar, tinha o projeto de criação do Território Federal do Iguaçu e a política da “Marcha para o Oeste”. O Paraná, como não queria ver seu território dividido, comprometeu-se a estabelecer políticas de ocupação brasileira da parte Oeste. Como o tempo passava e não ocorreriam os resultados esperados, o Governo Federal acabou criando o Território Federal do Iguaçu.⁸

A vinda de mais famílias em 1978, citada no histórico da escola, também foi influenciada pelo discurso desenvolvimentista regional. Nesse período, a fim de estimular as migrações, empresas colonizadoras criaram a expectativa sobre determinadas localidades, entre elas Ibiracema, para o desenvolvimento de cidades planejadas. A seguir uma fotografia do planejamento urbano de Ibiracema, desenvolvido em 1974, encontrado na residência de José Baquetta:

⁷ GREGORY, Valdir. Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: Edunioeste, 2002. p.36.

⁸ Idem. p. 91.



IMAGEM 3: Mapa do planejamento urbano de Ibiracema, de 1974.

Fonte: Documento particular, encontrado na residência de José Baqueta, morador da área rural do distrito de Ibiracema, Catanduvas – PR.

Para a complementação dos materiais/fontes encontrados fez-se necessário recorrer aos relatos de memória dos moradores locais para melhor discutir e problematizar as questões suscitadas. No trabalho com as memórias, suprimem-se os possíveis julgamentos da *verdade* e da *não verdade* do relato, caracterizando-se relevante como as pessoas representam/expõem suas vivências – nesse caso, dentro dos processos de ocupação e constituição do distrito.

No *Dicionário de Ciências Humanas*, dirigido por Jean-François Dortier, o termo "representação" é apresentado em três momentos. Inicialmente: "No sentido mais amplo, a representação de um objeto ou de uma ideia é sua cópia sob a forma de uma imagem, de um símbolo ou de um sinal abstrato."⁹ Na sequência define que: "(...) a representação designa qualquer realidade

⁹ DORTIER, Jean-François. *Dicionário de Ciências Humanas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 555.

(objeto, sinal, imagem) que mantenha uma relação de correspondência com uma outra realidade (...)."¹⁰ Em um terceiro momento: "Em sentido restrito, a filosofia e as ciências humanas empregaram tradicionalmente o termo 'representação' para caracterizar as ideias, as imagens e as percepções produzidas pelo cérebro humano."¹¹

As entrevistas, através da oralidade, são entendidas como formas possíveis dos sujeitos sociais representarem as suas vivências individuais e coletivas, quando empregam no relato as suas impressões sobre o que presenciaram ou conhecem sobre. Haviland [et al.], teorizando sobre a importância da linguagem para a cultura e a antropologia escreve:

O aspecto mais importante da cultura é a língua, o uso de palavras para representar objetos e ideias. Por meio da língua, os homens conseguem transmitir a cultura de uma geração para a outra. Em particular, a língua possibilita o aprendizado cumulativo de experiência compartilhada. Sem ela, uma pessoa não poderia transmitir informações sobre eventos, emoções e outras experiências a pessoas que deles não participam.¹²

Assim, o passado, essa outra realidade, é ativada com a realidade do presente pelo mecanismo da memória. Ou seja, relacionado com a subjetividade das histórias de vida de cada um, a partir das percepções dos que rememoram e narram suas memórias, as representações são de suma importância como estímulo para a compreensão, mesmo que aproximada, das dinâmicas do lugar.

Em entrevista com o morador José Baqueta, ele apresentou um documento particular e relatou como foi utilizado para a comercialização de terrenos urbanos no local, a mando e juntamente com um proprietário de terras da região:

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² HAVILAND, Willian A.; PRINS, Harald E. L.; WALRATH, Dana; McBRIDE, Bunny. Princípios de antropologia. São Paulo: Cengage Learning, 2011. p.197.

ARTIGOS

Era do patrimônio aí. Tinha uma época que nós [José Baqueta e Orestes Formighieri] vendia lote, vinha e vendia e ele deixava comigo cuidando. (...) Nós vendia junto, sempre junto com ele. Sempre vinha o Marcos, porque a velha tem quatro netos, cinco com esse, mas quem vendia mesmo era o Marcos. (...) É 500 lotes parece que é esse patrimônio. (...) Vendeu um pouco, um pouco ficou "aterrizado" por aí ainda. Lote aí não vale nada. Vende um lote baratinho que Deus o livre.¹³

O planejamento urbano também é citado no relato do professor Ivanir Pedro Comelli:

Como vinha um grande fluxo migratório, grande quantidade de gente que vinha para cá, o quê é que foi feito? Teria que urbanizar. Daí quem urbanizou? O Estado, através da prefeitura, aí que fizeram a planta. Porque, o Estado se empenhou e a prefeitura, pela grande quantidade construída aqui e tal. Senão der uma organizada, daí, vai ter problema depois. Só que organizaram, tá! Nisso você pode ver que até as avenidas, bem colocadas na posição certa tudo, as quadras, deixando-se área para esporte, e área para colégio e área para Igreja, tudo numa proporção boa, necessária. Só que realmente, a coisa não foi para a frente.¹⁴

É perceptível que o mapa do planejamento urbano de Ibiracema correspondia a uma determinada função: atrair pessoas para a região, a partir da venda de lotes a baixo custo, asseguradas pela expectativa de constituição de um município com estrutura para tal. Além do planejamento urbano, nos relatos dos entrevistados, podemos perceber muitas outras formas de "propagandas migratórias".

Alice Perón de Souza, narrando sobre a sua migração do estado de Minas Gerais para Ibiracema, relata como sua família tomou conhecimento das oportunidades que motivaram as decisões de virem para o Paraná: "(...) pelo

¹³ Entrevista de José Baqueta e Margarida do Rosário Baqueta, concedida à equipe do projeto de Extensão *Intervenções na relação universidade / educação básica: tempo passado, desafio do presente*, do Programa *Universidade Sem Fronteiras*, realizada em sua residência, na área rural do distrito Ibiracema – Catanduvas/PR, em 24 de abril de 2009. Os trechos das entrevistas passaram por uma breve correção no sentido de melhorar a compreensão do assunto relatado, sem alterar o conteúdo da fala.

¹⁴ Entrevista de Ivanir Pedro Comelli, realizada na Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Vieira Andrade, Ibiracema – Catanduvas/PR, em 24 de abril de 2009.

rádio! Meu velho era curioso demais, era ele mesmo. Ele pensou em vir, e veio para cá."¹⁵

José Gerônimo Sobrinho conta que migrou para Ibiracema, a convite de políticos da região: "Foi uns caras que vieram e chamou pra eu vir com eles. Compraram terra aqui e usei eles pra arrendar. Chegou aqui, voltou arrendando. 'Você vai?' Eu falei: 'Não! Se vocês compra eu vou, mas arrendar...' Aí compraram e eu vim com eles (...) Seu Olympio [de Moura]."¹⁶

Afonso Zini migrou do Rio Grande do Sul por meio de contatos com fazendeiro da região para trabalhar como capataz: "Aquele tempo aqui era só mato, só morador novo, trabalhei dezoito anos para esse velho Orestes Formighieri que nós éramos conhecidos, que eu vim de lá com a notícia de encontrar ele, e de fato encontrei em Cascavel, daí fui trabalhar na terra dele, e estou até hoje, que eu não comprei dele."¹⁷

Dênico Jorge Valandro, descrevendo a população de Ibiracema, relata também a ação dos corretores, funcionários como José Baquetta, que atuavam na região comercializando propriedades de terra: "O povo que tava aqui era *nortista*. O Orestes Formighieri era dono desde lá de cima do São Roque. Daí resolveu vender, aí botou gente, os corretores, pra vender a terra. Foram lá pra, pro norte e trouxeram o negócio de *nortista*."¹⁸

Maria de Lourdes Moreira Ramos, migrante do estado da Bahia, relata a visão que seu esposo tinha na época da vinda para o estado, tendo o Paraná como um estado próspero:

¹⁵ Entrevista de Alice Perón de Souza, realizada em sua residência, na área urbana do distrito Ibiracema – Catanduvas/PR, em 24 de abril de 2009.

¹⁶ Entrevista de José Gerônimo Sobrinho, realizada em sua residência, na área urbana do distrito Ibiracema – Catanduvas/PR, em 25 de abril de 2009.

¹⁷ Entrevista de Afonso Zini, realizada em sua residência, na área rural do distrito Ibiracema – Catanduvas/PR, em 31 de março de 2009.

¹⁸ Entrevista de Dênico Jorge Valandro, realizada em sua residência, na área urbana do distrito Ibiracema – Catanduvas/PR, em 24 de abril de 2009.

ARTIGOS

(...) é que lá em Vitória da Conquista era muito difícil. Bom. A gente trabalhava e ganhava o dinheiro, o dinheiro era pouco, mas fazia fatura, pois bem, daí ele [o esposo] falou: “Eu vou pro Paraná! Vamos caçar jeito de trabalhar pra lá, que lá corre dinheiro.” Aí a gente veio, aí a gente veio pra cá.¹⁹

Essas estratégias de povoamento regional motivaram os deslocamentos para o estado do Paraná de pessoas vindas do nordeste do Brasil, em correntes populacionais caracterizadas como “nortistas”; do sul do país, os “gaúchos” e catarinenses; e de migrantes que deslocavam-se dentro dos limites do estado do Paraná, denominados de “caboclos”. Na sequência, compreende-se a constituição do distrito Ibiracema a partir das distintas formas de migração, será apresentada separadamente como ocorreram cada uma delas.

A seguir conhecem-se as migrações internas, e as atividades realizadas pelos chamados “caboclos”, que antecederam os deslocamentos dos “nortistas” e dos “gaúchos” e catarinenses.

“Caboclos”: abertura de posses e “safra de porco”

Entre os fluxos migratórios, caracterizaram-se na região as migrações de pessoas oriundas do interior do estado do Paraná, os chamados “caboclos”. Antonio Candido, investigando sobre a cultura caipira no interior de São Paulo que resultou na sua obra *Os Parceiros do Rio Bonito*, conceitua: “(...) o termo *caboclo* é utilizado apenas no primeiro sentido, designando o mestiço próximo ou remoto de branco e índio, que em São Paulo forma talvez a maioria da população tradicional.”²⁰

Sérgio Buarque de Holanda em *Caminhos e Fronteiras*, através da fusão da cultura dos ameríndios com os europeus, além de caipira e caboclo

¹⁹ Entrevista de Maria de Lourdes Moreira Ramos, realizada em sua residência, na Vila Rural do distrito Ibiracema – Catanduvas/PR, em 25 de abril de 2009.

²⁰ CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 5ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979. p.22. *Grifos do autor*.

caracteriza também como *mamaluco* as populações provenientes do interior. “Para o sertanista, branco ou mamaluco, o incipiente sistema de viação que aqui encontrou foi um auxiliar tão prestimoso e necessário quanto foi para o indígena.”²¹

Perseguindo as demandas na exploração territorial do oeste do Paraná, em Ibiracema, coube aos migrantes “caboclos” realizar o trabalho de desmatamento do local, extração de erva-mate, abertura de posses na região, que seriam vendidos, os direitos de uso das extensões de terras para os demais migrantes.

Paralelo à estas atividades, realizavam trabalhos na criação de uma suíno-cultura *rústica* chamada de “safra de porco”. *Rústico*, entende-se através de Candido: “(...) não como equivalente de *rural*, ou de *rude*, *tosco*, embora os englobe. Rural exprime sobretudo localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil o universo das culturas tradicionais do homem do campo (...)”²²

A historiadora Geni Rosa Duarte contribui com uma definição sobre essa forma de produção da cultura *rústica* dos “caboclos” da região:

De início, as atividades econômicas eram as dos safristas – criadores extensivos de porcos, que levavam os animais até Foz do Iguaçu ou Laranjeiras. Era uma atividade extensiva, em que os animais eram criados sem cercas, soltos nas lavouras de milho para se alimentar. As terras eram abundantes, sem regulamentação de propriedade.²³

A maior parte da área desmatada pelas posses estava comprometida inicialmente para o plantio de milho e abóbora que em um segundo momento

²¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e Fronteiras. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 19.

²² CANDIDO, Antonio. Op, cit. p. 21.

²³ DUARTE, Geni Rosa. “Tempo passado, desafio do presente: violência e memória na luta pela terra. Campo Bonito, PR (1990-2008). Anales II Jornadas Nacionales de Investigacion em Ciencias Sociales – Universidad, conocimiento y sociedad. Trelew/Argentina, Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales – UNPSJB – SEDE TRELEW, 10 p., 2008. p. 2.

ARTIGOS

serviria para a alimentação de suínos criados à solta. Essa modalidade de produção consiste numa prática culturalmente “cabocla” dentro do estado do Paraná e no interior de Santa Catarina, economicamente lucrativa nesse período.

O termo “safra de porcos” vem do sentido de inserir porcos matrizes (cachaços, criadeiras) e filhotes nas plantações para que reproduzam, cresçam e engordem. Realizada duas vezes ao ano, de seis em seis meses, cada “safra” poderia atingir um número de duzentas a trezentas cabeças de suínos.²⁴ Após alguns meses na roça os animais seriam “colhidos” e levados até os pontos comerciais, onde seguiriam transportados em caminhões para frigoríficos de Ponta Grossa e Curitiba. Depois de abatidos e industrializados, os produtos seriam destinados ao abastecimento comercial de gordura animal “banha”, carne e seus derivados, de grandes centros urbanos do país como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo. Abaixo, o relato de Evaldo Alves Harkoff, sobre sua atuação como safrista:

A safra? Fazia a roça sabe!? E daí soltava a porcada. Daí quando tava pros dias do carro vir, quando vender gordo, aí catava eles pra vender. Ia pra Guaraniaçu. (...) é porco solto! Daí conservar eles, sempre tratar, sal, chamar eles na mangueira, era assim. Era vida boa. (...) A maioria de... todos eram soltos. Era tudo muito bem conservado, bem cuidado. Era vida boa. Hoje ninguém mais faz isso.²⁵

O transporte dos suínos, das roças até os pequenos centros urbanos e comerciais, era muitas vezes realizado a pé, atingindo dezenas de quilômetros de distância, podendo vir a comprometer dias de viagem para chegar até os locais de comercialização da produção. No caso de Ibiracema: “O cobrador vinha de lá [Guaraniaçu] buscar. Vinha até no São Roque [comunidade

²⁴ Nos encontros entre os “safristas” (produtores) e os “porcadores” (comerciantes) os suínos eram separados por tamanho, seguindo para os frigoríficos os animais maiores e os menores retornando para a “safra” até o próximo encontro – geralmente dali a seis meses. Para mais ver: BACH, Arnoldo Monteiro. Porcadores. Ponta Grossa. Do Autor, 2009.

²⁵ Entrevista de Evaldo Alves Harkoff, realizada na Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Vieira Andrade, no distrito Ibiracema, Catanduvas/PR, em 25 de abril de 2009.

próxima] aqui, que é pra cá de Catanduvas. Até ali vinha de caminhão. E daqui nós fazia aqui, quer ver..., dez quilômetros, tudo tocado.”²⁶

Essa etapa do trabalho também poderia ser feita de forma coletiva, com os vizinhos, ou individual, restringindo-se aos integrantes da família: “Os nossos [matrizes de porcos] quando vieram pra cá, de Chopinzinho pra cá, já tinha um tio meu. Tio, primo, dois tio e um primo meu que já lutava com isso mesmo, com *safra!*”²⁷

De modo geral, as clareiras abertas na mata para a criação das “safras de porcos” eram posses de terra. Essa abertura das posses em forma de clareiras dispersas na mata tinha a sua função prática devido à produção de alimentos e a criação dos suínos. A esse respeito, Candido entende que:

(...) a agricultura itinerante era possibilitada não apenas pelas reservas de terra nova e fértil, imensas para uma população esparsa, como também pelo sistema de sesmarias e posses; sobretudo estas, que abriam para o caipira a possibilidade constante de renovar o seu chão de plantio, sem qualquer ônus de compra ou locação. A posse, mais ou menos formal, ou a ocupação pura e simples, vêm juntar-se aos tipos de exploração e ao equipamento cultural, a fim de configurar uma vida social marcada pelo isolamento, a independência, o alheamento às mudanças sociais.²⁸

Como os animais eram criados soltos e muitas famílias trabalhavam dessa forma, entre uma “safra” e outra precisava existir uma considerável extensão de mata. Leonina Lima Fidel relata que: “Meu pai sempre trabalhou com safra, de porco. Chiqueiro de porco. Daí tinha dez alqueires de terra aqui em baixo, e daí foi disso (...) com safra de porco.”²⁹ A questão das clareiras centrava-se em evitar uma possível destruição de uma roça de milho e abóbora

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

²⁸ CANDIDO, Antonio. Op, cit. p.46

²⁹ Entrevista de Leonina Lima Fidel, realizada na Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Vieira Andrade, no distrito Ibiracema, Catanduvas/PR, em 24 de abril de 2009.

ARTIGOS

de uma posse – que ainda estava sendo preparada para receber as matrizes e os filhotes –, pelos suínos de outra “safra” que descobriam a roça ainda em desenvolvimento.

Com a exorbitante produção de suínos na época, a inevitável mistura dos animais de um “safrista” e outro não era o maior problema:

Muito porco! Se tinha porco que ninguém sabia a quantia que tinha. Pra nós até perguntavam: 'Mas quantos porcos você tem?', eu dizia: 'Há, não sabemos!' (...) Pois é, isso aí se perguntar ninguém sabia a quantia. (...) É só ali. Que daí engordava, e daí tinha que contar, contar e pesar pra entregar.³⁰

Com a diminuição das extensões de mata decorrente do desmatamento e o fim das posses pela comercialização das posses de terra pelas colonizadoras na transição da *terra de trabalho* para a *terra de negócio*³¹ – a “safra de porco” foi se extinguindo, cedendo lugar as práticas da especialização agrícola.

Com as extensões de matas sendo dizimadas pelas madeireiras não mais foi possível a criação de porcos à solta. Em alguns interiores mais distantes, inclusive Ibiracema, a “safra” ainda resistia até início dos anos de 1980, porém, com uma produção bem menos significativa, cada vez mais limitada pela exploração ambiental e comercial das terras: “Dai o porco parou, daí, entrou plantador de algodão, soja. (...) Há, isso foi até ali por..., oitenta [1980] mais ou menos, daí dali pra cá, tudo parado.”³²

Outros fatores também contribuíram para o fim da “safra de porco” no Cantuquiriguaçu, destacam-se: as preferências de mercado sobre a carne e não mais para a gordura animal “banha” acarretando na substituição da criação à solta dos suínos pelo confinamento dos animais para testes com ração e outros cuidados que retornassem o resultado comercial desejado. A vulnerabilidade sanitária dos animais coincidindo também com uma onda de peste suína em meados da década de 1970. De modo paralelo acompanha-se a mecanização

³⁰ Evaldo Alves Harkoff, ver entrevista citada.

³¹ KOLING, Paulo José. Op, cit.

³² Evaldo Alves Harkoff, ver entrevista citada.

agrícola, a produção dos óleos vegetais e a tecnologia crescente na área de reprodução animal.

Nesse processo muitos posseiros foram expropriados, migrando para os centros urbanos do estado do Paraná ou tentando reproduzir suas vidas em torno da terra em outros estados como Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Roraima, etc.

“Nortistas”: pau-de-arara e mão-de-obra

As migrações das correntes chamadas “nortista” eram constituídas, na maioria, de afro-descendentes nascidos no Brasil, os crioulos; e de mestiços de “negros” com brancos, os mulatos.

Migrando do nordeste e sudoeste do país para Ibiracema em busca de novas oportunidades em terras longínquas, anunciadas por diferentes meios de informação, esse deslocamento da população nordestina desencadeou-se de maneira bem expressiva. Segundo José Gerônimo, natural de Minas Gerais: “Ibiracema aqui na época era quase mato só. Só que depois veio gente. Depois que viemos, veio gente... tinha mais gente que Catanduvas quase (...) Era mais mineiro do que gente. Jeito de nós brincar, tinha tanta gente que era mais mineiro do que gente.”³³ Em tom de brincadeira, ao falar de seus conterrâneos, José também compara a população de Ibiracema com a do município de Catanduvas, dando a entender que o distrito, na época, teria condições de se tornar cidade, a partir do número de habitantes.

Sinval Pascoal, também de Minas Gerais, descreve a presença dos migrantes do nordeste e do sul em Ibiracema:

Aqui, quando nós mudamos aqui, tinha mais é *nortista*. Muito pouco *gaúcho*! Era muito pouca gente. *Gaúcho* que tinha aqui só

³³ José Gerônimo Sobrinho, ver entrevista citada.

ARTIGOS

o seu Afonso [Zini] e os Nascimento do outro lado do rio, e João Machado que era uma família. Só três famílias! E os Alves!³⁴

Os trechos citados, nos convidam a visualizar uma dimensão de que as pessoas vindas das regiões do nordeste do país concentraram-se em Ibiracema em grau mais acentuado que nos demais fluxos populacionais. Em relatos dos que se deslocaram com fluxos migratórios distintos que os “nortistas”, também é perceptível a acentuada presença na região, de pessoas com características afro-descendentes e mulatos. José Modena, natural de Santa Catarina, ao falar dos *nortistas* da região, expõe que: “(...) a maioria era mineiro! Oitenta por cento era gente de Minas [Gerais], Espírito Santo, daquela região, moravam aqui em Ibiracema.”³⁵

O termo “nortista”, em Ibiracema, é uma caracterização de auto-atribuição dos sujeitos que compactuaram dessa forma de migração. Fredrik Barth desenvolveu teorias sobre os grupos étnicos e as suas fronteiras sociais pertinentes para essa discussão:

Concentrando-nos naquilo que é *socialmente* efetivo, os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social. (...) ou seja, a característica da auto-atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica. Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional.³⁶

“Nortista” foi e continua sendo um sinal de definição dos grupos nordestinos pelos demais fluxos migratórios. Algumas vezes, utilizada de forma depreciativa por aqueles que não se identificam (ou não são identificados)

³⁴ Entrevista de Sinval Pascoal, realizada em sua residência, na área urbana do distrito Ibiracema – Catanduvas/PR, em 31 de março de 2009.

³⁵ Entrevista de José Modena e Alair Modena, realizada em sua residência, na área rural do distrito Ibiracema, Catanduvas/PR, em 31 de março de 2009.

³⁶ POUTIGNAT, Philippe. Teorias da etnicidade. Seguidos de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.193-4

como pertencentes à cultura, os lugares de origem, ou ainda pelas características físicas. Outras vezes, a palavra “nortista” é empregada apenas com a função de diferenciação entre os grupos.

Com poucas condições financeiras, migravam com grande dificuldade dos estados do nordeste do Brasil e sul do estado de São Paulo. Maria de Lourdes Moreira Ramos, natural de Vitória da Conquista – Bahia, quando questionada sobre a vinda para o estado do Paraná, narra como ocorreu o processo de migração:

E era desse jeito! E depois eu me casei. Vim pra cá com trinta dias de casada. Vim embora pra cá! (...) Foi em cima de um pau-de-arara. Metade de madeira. A gente em cima. Sofremos! O carro quebrando. Mas ele quebrava, o motorista parava e voltava pra trás buscar peça. Arrumava, outra pirambeira o carro quebrou. E vai nós, eu queria pular, ele [esposo] me segurou. Mas foi desse jeito! E ventando, e ventando, e ventando! Eu tava com um pano amarrado assim na cabeça, o vento tirou e eu desensaquei na gritaria. O motorista parou o carro, saiu doido pra caçar meu lenço. Tudo isso aconteceu! Desse jeito! (...) Eu tinha dezessete anos. Eu casei não tinha nem idade. Não completei nem a idade pra poder casar. E daí, chegou aqui.³⁷

Outros relatos, semelhantes às memórias de Maria, mencionam que o percurso do transporte de pau-de-arara, demoravam aproximadamente 8 (oito) dias de viagem, dependendo da origem, com muitas famílias embarcadas, lotando as carrocerias dos precários caminhões, sem muitas condições de segurança para os passageiros. Algumas famílias traçavam o destino diretamente para Ibiracema, outras desembarcavam nas cidades do norte do estado do Paraná (Londrina, Maringá, Goioerê, Nova Aurora, etc). para em seguida deslocarem-se por meio de outros transportes até o distrito.

Também era frequente as pessoas chegarem na região depois de terem passados por muitos outros lugares. Uma população flutuante, trabalhando em

³⁷ Maria de Lourdes Moreira Ramos, ver entrevista citada.

ARTIGOS

caráter temporário de cidade em cidade ou fazendas, até chegar em Ibiracema. Destino esse que poderia ser caracterizado como final, efetivando suas moradias no local; ou de transição, trabalhando por alguns meses ou anos e depois rumando para outros lugares em busca de novas oportunidades.

As populações dessa corrente migratória, em contraposição com as dificuldades enfrentadas na terra natal, vinham para a região motivadas, em sua maioria, pela oferta de mão-de-obra braçal nas crescentes propriedades dos fazendeiros locais, também com a expectativa de adquirir um pedaço de terra. Alice Peron de Sousa, natural de Glicema – Minas Gerais, relata as atividades que executavam no lugar de origem antes da migração para o Paraná, bem como faziam para suprir as necessidades básicas de subsistência da família:

Nós sempre trabalhamos na roça. Para comer mesmo! Trabalhava para não ficar devendo. Trabalhava, trabalhava mesmo e comia mal. Nós não comíamos bem. (...) Meu pai trabalhava nas fazendas, gostava de trabalhar. (...) Cuidava assim de gado, domador, amansador (...) Até nós éramos também! Primeiro eles montavam, depois nós acabávamos de arrumar o cavalo para ele, para entregar. Nas lavouras de café nós trabalhávamos mais. Arroz, tudo, só lavoura mesmo, naquele tempo.³⁸

Por outro lado, as precárias condições de vida sofridas nos lugares onde viviam antes de migrarem para o Paraná não surgem nos relatos somente em forma de negação. Há também um misto de saudosismo com a terra natal em alguns momentos e em outros um discurso de auto-afirmação do lugar onde vivem atualmente.

Se, muitas vezes, os "nortistas" sujeitaram-se a desprenderem-se das suas origens visualizando uma nova vida no Paraná, nas viagens sob os caminhões pau-de-arara carregaram consigo seus valores culturais, costumes, formas de trabalhar, morar, se alimentar, vestir, etc. A vinda para Ibiracema acabou consistindo numa tentativa de reproduzir algumas das atividades

³⁸ Alice Peron de Souza, ver entrevista citada.

agrícolas realizadas no lugar de origem, principalmente no cultivo das culturas como o algodão, por exemplo. Segundo José Gerônimo Sobrinho, natural de Mirador – Minas Gerais: "No principio a gente plantava feijão, milho, arroz. Depois passei a plantar algodão, soja."³⁹

A seguir, acompanharemos como deram-se os fluxos migratórios de populações oriundas do sul do Brasil, dos estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

“Gaúchos” e catarinenses: terra, madeira e gado

Os “gaúchos” e catarinenses, na sua maioria descendentes de europeus –, oriundos dos estados Rio Grande do Sul e Santa Catarina, migravam com diferentes propósitos que os “nortistas” e os “caboclos” que se estabeleciam na região. As atividades também se concentravam em reproduzir formas de trabalho antes realizadas nas colônias do Sul na exploração madeireira, criação de gado e comercialização de terras. Gregory, trabalhando sobre as migrações de “gaúchos” e catarinenses para as colônias do Oeste do Paraná descreve que: “Os colonos se dispunham a migrar para reconstruírem espaços coloniais.”⁴⁰

Na entrevista com Dênico, auxiliado pela sua filha Nadir Valandro, ambos natural da antiga Mormaço, hoje Soledade – Rio Grande do Sul, relatam sobre o trabalho na madeireira e a trajetória da migração com a sua família até chegar em Ibiracema:

Nadir: (...) nós mudamos aqui no Verê [sul do Paraná], num lugazinho chamado Nossa Senhora da Salete, mas pertencia no Verê (...). Do Rio Grande [do Sul] nós viemos direto ali pro Verê, que fica perto de Dois Vizinhos.

Dênico: Viemos em sessenta e quatro [1964]. Em setenta e quatro [1974] viemos aqui pra cima. Fizeram aquele negócio,

³⁹ José Gerônimo Sobrinho, ver entrevista citada.

⁴⁰ GREGORY, Valdir. Op, cit. p.70

ARTIGOS

queimou a serraria. Oito dias, botaram fogo, queimou, não sei o que fizeram nela (...). Setenta e quatro! 24 de outubro! Bem já no fim do ano!

Nadir: É que o pai tava trabalhando. Ele tinha uma madeireira, quer dizer, uma serraria, lá. Que nós tínhamos um sítio! Aí ele vendeu o sítio e entrou em negócio com outro sócio lá. E entraram numa serraria trabalhar. E o pai comprou metade da serraria dele e aí pegou fogo nessa serraria. (...) aí o pai não deu mais certo. Ninguém mais acreditava! (...) Aí o pai resolveu vender a serraria pra ele. O pai vendeu! Foi que daí ele vendeu essa serraria lá e daí nós viemos aqui. Aqui pra Ibiracema. Aí trabalhou dez anos aqui na serraria.

Dênico: Oito!

Nadir: Oito, então!

Dênico: Ficou muito escassa a madeira e dava muita despesa pra juntar as toras. Então, daí parei! E vendi a serragem pra um lá pro Paraguai e foi pra lá a serragem.⁴¹

Afonso Zini, explica o trabalho realizado na exploração da madeira para a formação de pasto destinado à criação pecuária, com o auxílio de migrantes "nortistas" na empreitada:

Derrubava mato pra plantar. Primeiro ano que eu fiquei, eu derrubei quarenta alqueires de mato. Formei tudo pasto! Formei duzentos e noventa e seis alqueires. Daí com o dinheiro que ele me dava eu comprei dele [Orestes Formigheri]. Só com machado e foice, não tinha motosserra nada e eu tinha vinte e cinco peões, todos de Minas. Eles vinham de lá pra comprar terra do velho Orestes, porque ele abriu aqui Ibiracema. Aí vinham trabalhar pra mim."⁴²

Em outro momento da entrevista, Afonso descreve as atividades realizadas antes da migração nos lugares de origem e o contato com o Paraná, decorrente do trabalho: "Troepeiro! Aqui a estrada era boa que Deus o livre! (...) Nós saíamos com seissentas, setessentas cabeças de gado. Quarenta e dois dias só na estrada, chuva, vento, geada, neve, até chegar em Água Doce."⁴³ Afonso, mencionando sobre as condições das estradas no estado nos concede o

⁴¹ Entrevista de Dênico Jorge Valandro e Nadir Valandro em sua residência, na área rural do distrito Ibiracema – Catanduvas/PR, em 24 de abril de 2009.

⁴² Afonso Zini, ver entrevista citada.

⁴³ Idem.

indicador de uma das possíveis vantagens em deixar a terra natal para a conquista de um novo lugar para viver.

A população dessa corrente migratória chegava em Ibiracema principalmente com interesse nas ocupações de faixas de terras ou a fim de efetivar compras de títulos das posses abertas em meio às matas. Trabalho esse realizado, na maioria, pelos “caboclos”, que já se encontravam na exploração territorial.

Em contraposição com as dificuldades sofridas no sul – pequenas propriedades de terras improdutivas – as migrações dos “gaúchos” e catarinenses estavam baseadas nas condições favoráveis que poderiam encontrar no Paraná – grandes extensões de “terra nova”, facilitando a produtividade, a preços acessíveis. Ivanir conta como seu pai veio de Santa Catarina para Ibiracema em busca de terras:

Então, ele [pai] descobriu essa região aqui de Catanduvas. Até, inclusive quando ele foi indicado, que a colonizadora era lá de Videira, próxima de Iomerê, adquiriram essas terras, da Industrial Made-Pinho. Foi através do [Governador Moysés] Lupión, não sei de que jeito. Daí recortou essas áreas, daí, ofereceu para ele. Daí, ele tinha comprado uma pequena área em Pato Bragado, vendeu lá e veio para cá (...) eu vim com ele na segunda viagem, isso foi em 1963, eu tinha sete anos de idade.⁴⁴

No momento em que o pai de Ivanir migrou para a região estava ocorrendo um processo de “regularizações” dos títulos das posses terras. Promovidos pelo Governo do Estado, nas administrações de Moysés Lupion (1947-51 e 1956-61) e de Ney Braga (1961-65 e 1969-62), as ocupações e posses passaram a ser documentadas pelas empresas colonizadoras. As faixas de terras foram entregues para as Companhias Colonizadoras que subdividiram os territórios em glebas, implantaram madeireiras para o desmatamento e

⁴⁴ Ivanir Pedro Comelli, ver entrevista citada.

ARTIGOS

venderam as terras para terceiros. Sobre a intervenção do Estado nos conflitos e disputas pela posse da terra entre posseiros, jagunços, grileiros e latifundiários Paulo Koling aborda que:

(...) do ponto de vista jurídico, da regulação do Estado, podemos afirmar que houve a transformação no código de direito sobre a terra, seja em termos da sua condição de devolutas para privadas, como da legalidade e natureza da sua propriedade, do direito de posse para o direito jurídico e à titularidade fundada na lei (compra e escrituração do imóvel) e seus litígios pela ação do Estado ou por particulares (grilagem), amparados ou não na lei.⁴⁵

O relato de Dênico contribui para perceber como o mesmo representa nas suas memórias, a política estadual do governo de Ney Braga:

Ah, depois se acertaram e outros tempos vieram e acertaram. Foi o Ney Braga: 'Quero acabar com a jagunçada do Paraná!' E terminou mesmo. E daí foram medir as terras, veio os títulos que vendeu definitivo. Entendeu? Aí mandou medir as terras, porque tinha terra aqui, ali, lá. Cada um tinha o seu pedaço, aí a pessoa vinha medir, tirava o mapa e mandava lá pro Francisco Beltrão que lá tinha o Grupo de Cultivo de Terras do Sudoeste do Paraná. Então eles encaminhavam, aí o coronel assinava o título definitivo e vinha aqui terminar.⁴⁶

Afonso Zini menciona sua participação junto com os funcionários das companhias colonizadoras nos processos ocorridos durante a administração do governador Moysés Lupion:

Aqui ele [Orestes Formighieri] comprou do Lupião. E eu que ajudei ele, o agrimensor dele medir tudo isso aqui, a fazer linha, fazer o marco tudo. Volta e meia a gente encontrava com porco do mato daí tinha que correr. (...) Escritura! Foi feito mapa, escritura e tudo que tivesse. Agora os neto dele que tá tocando. (...) É! Depois medimos, daí ele mandava carta pra mim: 'Vendi o lote tal, número tal!' Eu pegava o mapa. (...) É! Daí a gente mostrava. Daí ele mando um trator pra abri essa estrada até no alto da linha São Paulo. Aí eu e o picadeiro do falecido Orestes, fazia a picada.⁴⁷

⁴⁵ KOLING, Paulo José. Terra e Poder: possibilidades e perspectivas. Tempos Históricos. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, anoXI, v. 13, n1, p. 237-250, 2009. p.1-2.

⁴⁶ Dênico Jorge Valandro, ver entrevista citada.

⁴⁷ Afonso Zini. Ver entrevista citada.

As medidas tomadas pelo governo do estado acarretaram em conflitos de terras, expropriações de alguns e favorecimentos de outros. Porém, acordos também eram firmados entre posseiros e fazendeiros:

O que tinha de posseiro, foi tirado tudo. Até aqui após o Tormenta eu fui falar com um, lá embaixo perto do Adelaide, pra dentro do Ibiracema, também tinha um posseiro, fui lá com o mapa e tudo. Cheguei na casa do homem, tinha a *safra* [de porcos]. É daí eu contei: 'Oh! o senhor Orestes Formighiere comprou isso aqui. Se o senhor quer comprar dele ele vende!' Ele falou: 'Ah, se o senhor me der uma mão eu compro.' 'Então vamos marcar, e vamos de cavalo até Cascavel, de cavalo até o escritório.' Uns ele vendia, e outros as vezes ele comprava o direito (...) de posse.⁴⁸

No trecho acima, percebemos que as intensões do governo de acabar com as posses, em algumas situações apenas modificaram a condição social das pessoas que ocuparam os locais, transformando-os de posseiros em pequenos proprietários. Quando Zini retrata a atividade de trabalho do posseiro – tinha a *safra* –, identificam-se os caboclos que participaram na formação e constituição de Ibiracema, migrando dentro do estado do Paraná e realizando a suinocultura extensiva – conforme mencionado em tópico anterior.

Considerações finais

Ibiracema é um distrito que, apesar da heterogeneidade cultural, está se diluindo com as transformações do processo histórico. Os fenômenos migratórios estão interferindo diretamente na dinâmica local motivado por fatores presentes na sociedade movida pela acumulação de capital.

Cercada por grandes fazendas, a presença de latifundiários vem substituindo a pequena propriedade rural pela criação extensiva de gado,

⁴⁸ Idem.

ARTIGOS

testemunhado pelo fechamento de um laticínio no momento da realização do levantamento de fontes. Seu contingente populacional, que um dia foi expressivo, tem sofrido quedas com os deslocamentos das famílias para os centros próximos (como a cidade de Cascavel e Foz do Iguaçu, por exemplo) ou outros estados da federação (Mato Grosso, Roraima, Rondonia, etc.) para continuarem reproduzindo seus modos de vida vinculadas à terra. Os jovens rumam em busca de maiores oportunidades de trabalho e estudo e os idosos geralmente em busca de tratamento médico ou acompanhando os filhos e netos diante da impossibilidade de se manterem na pequena propriedade.

O resultado é o distrito com uma paisagem urbana isolada, movimentada pelos poucos frequentadores de um bar, os fiéis da Igreja Católica e da Comunidade Evangélica, os esporádicos passantes com caminhões com animais, leiteiro ou da Cooperativa de produção do bicho-da-seda e os alunos da Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Vieira Andrade – que um dia foi frequentada por até 600 estudantes e que atualmente comporta mais de 80 pessoas se somados com os professores, zeladores e equipe pedagógica. Percorrendo a localidade de Ibiracema, nota-se a avenida principal com duas vias, indicando que o local foi projetado com a expectativa de receber um expressivo contingente populacional. Observam-se também muitos locais abandonados, entre eles várias residências e o cemitério que apresenta alguns túmulos abertos pela incidência das fortes chuvas que “lavam” o solo.

Através da História Oral, atuar no registro das memórias dos que ainda resistem é também uma possibilidade de perpetuar as múltiplas vivências e realizações dos homens no tempo. Apresentando os relatos dos que permanecem está incluída a elucidação das ausências, daquilo que não existem mais como prática, mas materializam-se nas gravações, fotografias e transmissão dos saberes, compartilhando as subjetividades inerentes dos sujeitos históricos.

**Diálogos culturais no Cantuquiriguaçu: um estudo de caso no distrito Ibiracema,
Catanduvas/PR**

| Anderson Arilson de Freitas

Recebido em 03.08.2015
Aprovado em 26.09.2015